



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM – FACL
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

MYRIAN FLÁVIA SANTOS E SILVA

ANÁLISE DA EXPRESSÃO “NEM FODENDO”: uma perspectiva da
Linguística Funcional Centrada no Uso

Abaetetuba – Pará

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM - FACL
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA
PORTUGUESA

MYRIAN FLÁVIA SANTOS E SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, da Faculdade de Ciências da Linguagem, Campus Universitário de Abaetetuba, Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras - Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Robson Borges Rua.

Abaetetuba – Pará

2024

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

S237a Santos E Silva, Myrian Flávia.
ANÁLISE DA EXPRESSÃO “NEM FODENDO” : uma
perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso / Myrian
Flávia Santos E Silva. — 2024.
29 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Robson Borges Rua
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal do
Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Língua
Portuguesa, Abaetetuba, 2024.

1. Negação não canônica. 2. Nem fodendo. 3.
Funcionalismo. I. Título.

CDD 410

MYRIAN FLÁVIA SANTOS E SILVA

ANÁLISE DA EXPRESSÃO “NEM FODENDO”: uma perspectiva da linguística funcional centrada no uso

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciado em Letras, Habilitação em Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Robson Borges Rua

Data de aprovação: 07/11/2024

Conceito: Excelente

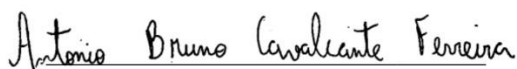
Banca Examinadora:



Prof. Dr. Robson Borges Rua
Universidade Federal do Pará



Prof.^a Dr.^a Helane de Fátima Gomes Fernandes
Universidade Federal do Pará



Prof. Dr. Antônio Bruno Cavalcante Ferreira
Universidade Federal do Pará

Dedico este trabalho à minha amada e inteligente filha, Rafaela Cristal, que, desde o ventre, foi minha maior motivação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado paciência suficiente para não desistir (ou para não quebrar a cara de alguém), saúde na medida do possível e inteligência; pena não ter me dado modéstia.

Agradeço à minha mãe, Rosilene, por ter me dado todo o apoio na minha vida acadêmica, por todas as vezes que pegou no meu pé para que eu fosse uma boa aluna e por ter lutado muito para criar sozinha seus filhos, para que tivéssemos um bom futuro. Eu consegui, mãe.

Agradeço à minha amada filha, Rafaela Cristal, por ter me salvado da escuridão e me dado forças para continuar dia após dia. Meu pequeno Cristal, minha pedra preciosa, tudo isso é por você e para você. Mamãe te ama muito!

Agradeço aos meus avós, Manoel Estumano e Maria Edeltrudes, por sempre acreditarem em mim, por remarem muito em um casquinho pequeno para que eu e meus irmãos frequentássemos a escola. Obrigada por sempre estarem ao meu lado.

Agradeço aos meus irmãos Fernando, Felipe, Fábio e Fabian, que, apesar de todas as discussões, bullying e agressões, sempre acreditaram no meu potencial. Eu sei que vocês me amam e eu amo vocês.

Agradeço à amiga que fiz na faculdade, minha dupla inseparável, Emilly, que, mesmo sem saber, foi meu suporte durante esses anos, que segurava minha mão nas minhas crises, que passou todos os perrengues comigo e postava no *close friends* do Insta.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Robson Rua, por ter sido paciente, por ter acreditado no meu potencial mesmo quando eu não acreditava e por ter me explicado com calma o que eu não entendia. Sem ele, eu não teria conseguido.

Agradeço também a todos que duvidaram de mim, que falaram que eu largaria a faculdade por ter começado o curso grávida e que eu não aguentaria. Se tem uma coisa que me move é o ódio. Amo provar que estão errados sobre mim.

E, por último, mas não menos importante, agradeço a mim por ter aguentado todo esse tempo, por ter conseguido, por ter vencido todos os obstáculos, mesmo que fossem pequenos, porque só eu sei as dificuldades internas que enfrentei. Agradeço por ter sido forte, por ter feito coisas mesmo quando achei que não conseguiria e por ter levantado da cama mesmo não tendo forças. Não se cobre tanto, Myrian Flávia. Você é capaz.

Sumário

1.	Introdução.....	6
2.	A negação nas línguas naturais	6
2.1.	Perspectivas sobre a negação	8
2.1.1.	A negação para os gramáticos	8
2.1.2.	A negação para os funcionalistas.....	10
3.	Arcabouço teórico.....	11
4.	Linguística cognitiva: a construção “nem [x]”	14
5.	Procedimentos metodológicos	16
6.	Análise de dados e discussão	17
6.1.	Uso 1: negativa total.....	17
6.2.	Uso 2: marcador de descrença.....	18
6.3.	Uso 3: híbrido.....	19
6.4.	Variação sintática: mas nem fodendo	21
6.5.	Processos linguísticos e a expressão “nem fodendo”	22
6.6.	O tabu na pesquisa linguística.....	24
6.6.1.	O conceito de tabu linguístico.....	24
6.6.2.	A expressão “nem fodendo” e o tabu sexual.....	25
6.6.3.	Estigmatização e marginalização nas pesquisas linguísticas	26
	Considerações finais.....	27
	Referências bibliográficas.....	27

Resumo: Este estudo examina a complexidade linguística na criação de conexões sociais e na facilitação da comunicação. Concentrando-se na negação como um elemento-chave na estrutura comunicativa, investigamos suas diversas formas, incluindo aquelas que não seguem os padrões gramaticais convencionais, conhecidas como negações não canônicas. Essas formas, frequentemente usadas no cotidiano, conferem maior expressividade ao discurso, refletindo a intenção do falante em enfatizar ideias e adicionando um impacto emocional à comunicação. Um exemplo destacado de negação não canônica é a expressão “nem fodendo” na língua portuguesa falada no Brasil, especialmente popular entre os falantes mais jovens em contextos informais e nas redes sociais. Utilizando uma abordagem funcional, inspirada em autores como Bybee (2016) e Rios de Oliveira (2020), este estudo emprega revisão bibliográfica e análise de dados reais para investigar os processos motivacionais por trás do uso da expressão “nem fodendo” como forma de negação no português brasileiro.

Palavras-chave: Negação não canônica; Nem fodendo; Funcionalismo.

Abstract: This study examines the linguistic complexity in the creation of social connections and the facilitation of communication. Focusing on negation as a key element in communicative structure, we investigate its various forms, including those that do not follow conventional grammatical patterns, known as non-canonical negations. These forms, often used in everyday language, lend greater expressiveness to discourse, reflecting the speaker's intent to emphasize ideas and adding emotional impact to communication. A prominent example of non-canonical negation is the expression “nem fodendo” in Brazilian Portuguese, particularly popular among younger speakers in informal contexts and on social media. Drawing on a functionalist approach inspired by authors such as Bybee (2016) and Rios de Oliveira (2020), this study employs a literature review and real data analysis to investigate the motivational processes behind the use of the expression “nem fodendo” as a form of negation in Brazilian Portuguese.

Keywords: Non-canonical negation; Nem fodendo; Functionalism.

1. Introdução

A linguagem verbal, segundo Petter (2002), é essencial para o pensamento e a comunicação social, sendo um elemento indispensável na estruturação da sociedade. Desempenha um papel crucial na expressão de pensamentos, sentimentos e ideias, além de facilitar a construção de conexões sociais. Através dela, os seres humanos podem transmitir informações, negociar significados e construir realidades compartilhadas.

Dentro do campo da linguagem, a negação emerge como um elemento fundamental na estruturação do discurso, permitindo que os falantes expressem a negação de uma proposição ou a recusa de uma ideia. Além das negações canônicas, que seguem os padrões gramaticais estabelecidos, existem também as negações não canônicas, que se desviam desses padrões normativos e conferem maior expressividade ao discurso.

Um exemplo marcante de negação não canônica na língua portuguesa falada no Brasil é a expressão “nem fodendo”. Esta expressão, comumente utilizada em contextos informais, possui uma carga semântica peculiar e é frequentemente empregada por falantes mais jovens para enfatizar a negação de uma ideia ou a recusa de uma proposta. Um exemplo concreto do uso da negação “nem fodendo” pode ser observado no dado coletado a seguir:

Figura 01 – Apresentação do objeto da pesquisa



Fonte: X

Diante desse contexto, tornou-se pertinente a realização de um estudo aprofundado que contemplasse uma análise semântico-pragmática acerca da negação não canônica “nem fodendo”. O propósito desta pesquisa é investigar os mecanismos linguísticos que motivam o emprego de expressões não convencionais, como é o caso da expressão em estudo.

2. A negação nas línguas naturais

Os estudos sobre negação ganharam destaque principalmente nas décadas de 60 e 70 (Castro, 1992), quando houve um grande interesse em entender como ocorria o processo da aquisição da negação. Atualmente, há muitos estudos dedicados a explorar

esse fenômeno de forma mais aprofundada. Pesquisadores continuam a investigar a negação sob diversas perspectivas, o que mostra que o interesse nessa área da linguística permanece ativo.

Nas línguas naturais, conforme destacado por Pea (1980, apud Castro, 1992), as negações têm a função de indicar discordância em relação a uma afirmação positiva, seja ela atribuída a outra pessoa ou ao próprio autor do enunciado negativo. No entanto, dentro desse fenômeno, distinguimos as negações canônicas e as não-canônicas.

Segundo Souza e Pante (2006), a negação canônica é caracterizada pelo emprego de um único elemento com valor semântico na sentença. Na língua portuguesa, a negativa canônica frequentemente se manifesta pelo uso do advérbio “não” antes do verbo principal na frase. Essa estrutura é habitualmente utilizada na comunicação cotidiana e reconhecida como a forma padrão de negar uma afirmação. Por exemplo:

(1) Eu *não* gosto de café.

Neste caso, a negação canônica é realizada pela inserção do advérbio “não” antes do verbo principal “gosto”, sendo denominada negativa pré-verbal.

Por outro lado, uma negativa não-canônica é aquela que diverge das estruturas gramaticais padrão do idioma. Tais formas de negação podem emergir em virtude de uma diversidade de fatores, como variações regionais, influências culturais, contextos informais ou mesmo propósitos estilísticos em obras literárias ou artísticas. Um exemplo de negativa não-canônica em português incluem as negativas duplas:

(2) Eu *não* vou, *não*.

Neste caso, a inclusão do “não” ao final da frase constitui uma forma não-canônica de reforçar a negação. Embora a negativa principal seja expressa de maneira canônica com “não vou”, a adição do “não” suplementar no desfecho reforça essa negação.

Alguns estudos apontam para a existência de três estruturas de negação na língua portuguesa falada no Brasil. A mais comum é a negativa pré-verbal, seguida pela negativa pós-verbal, como exemplificado em “tem muito tempo não”. E a dupla negação, que tem sido observada como uma tendência crescente na linguagem cotidiana (REIMANN, YACOVENO, 2011). Enquanto a negativa pré-verbal é considerada a forma padrão ou canônica, as outras duas estruturas são vistas como não canônicas.

Entretanto, ao analisarmos a língua, percebemos que há uma gama ainda mais ampla de formas de expressar negação, que vão além das estruturas mencionadas. Expressões idiomáticas e o uso da ironia são frequentemente empregados como formas de negação não canônica.

Expressões idiomáticas são grupos de palavras que têm significados especiais que não podem ser entendidos apenas olhando para o significado de cada palavra individualmente. Elas são usadas de forma única em uma língua e muitas vezes não podem ser traduzidas diretamente para outras línguas. Por exemplo, a expressão “dar o braço a torcer” em português significa mudar de opinião, mas não tem nada a ver com braços ou torcer literalmente.

Um exemplo claro de expressão idiomática que expressa a negação é o uso da expressão “não é meu forte”, que é empregada para indicar que algo não é uma área de habilidade ou domínio da pessoa, mesmo que não envolva literalmente uma força física. Da mesma forma, a expressão “nem morta” é utilizada para indicar uma recusa veemente em fazer algo, mesmo diante de circunstâncias extremas.

Feitas essas considerações introdutórias, é oportuno adentrarmos à análise das abordagens da negação por parte tanto dos linguistas funcionalistas quanto dos gramáticos.

2.1. Perspectivas sobre a negação

Nesta seção, exploraremos a diferença de perspectiva entre gramáticos e linguistas funcionalistas sobre a negação na linguagem. Gramáticos aderem à gramática normativa e suas regras para usar a negação, enquanto os funcionalistas adotam uma abordagem na perspectiva da língua em uso, considerando as diversas formas de negação na comunicação real. Apresentaremos os principais argumentos de cada abordagem para uma melhor compreensão dessa divergência.

2.1.1. A negação para os gramáticos

Antes de prosseguirmos, é importante retomar o conceito de negação canônica discutido no capítulo anterior. Essa forma específica de negação diz respeito às estruturas linguísticas convencionais e amplamente aceitas para expressar negação em uma determinada língua. Por exemplo, em português, o uso do advérbio “não” para negar uma afirmação representa um exemplo típico de negação canônica.

Para ilustrar o conceito de negação canônica, consideremos o seguinte exemplo: “Maria não foi para escola”. Nesta frase, “não” é usado de acordo com as regras gramaticais estabelecidas para negar a afirmação “Maria foi para escola”. Essa é uma forma padrão e convencional de expressar negação na linguagem.

Na gramática, a negação está intrinsecamente ligada ao uso do “não”, desde as gramáticas históricas, como a de Said Ali. O autor explora o tema da negação e argumenta

que ao empregarmos a negativa “não”, geralmente estamos expressando um conceito negativo.

Com a palavra *não* enunciamos em geral o conceito negativo. Além deste vocábulo livre, existe também a negativa incorporada em certas expressões pronominaes, adverbiaes e conjuncionaes: *nem* (do lat. *nec, neque e não*); *nenhum* (do latim *nec unus*); *nunca* (do lat. *nunquam, ne unquam*); *ninguém* equivalente a *não alguém*; e *nada*, que significa exactamente *não alguma coisa* por evolução semântica de um antigo particípio do verbo <<nascer>>. O advérbio *jamais* usa-se em sentido negativo como sinónimo de *nunca*. (Said Ali, 1931, p. 227)

Além de falar sobre o uso do vocábulo “não”, o autor cita exemplos de negativas incorporadas, como “nem”, “nenhum”, “nunca”, “ninguém” e “nada”. Essas expressões já carregam em si o sentido de negação, tornando-as úteis para contradizer ou negar uma afirmação sem a necessidade de utilizar a palavra “não”. Na gramática tradicional, essa visão é mantida.

Na sua obra “Moderna Gramática Portuguesa”, Bechara (2009) menciona pela primeira vez o fenômeno da negação ao discutir o uso dos pronomes indefinidos como uma maneira de atribuir um valor negativo a uma determinada frase. Conforme o autor menciona, a palavra “algum” adquire um sentido negativo quando está colocada após o substantivo, como ilustrado no exemplo dado por Bechara (2009, p. 193): “Resultado algum saiu do inquérito”. Além disso, o autor afirma que essa palavra pode ser substituída por “nenhum”, que desempenha a função de reforçar a negação do “não”. Em outras palavras, ao utilizar “nenhum”, estamos intensificando a negação da afirmação.

Bechara (2009) explora o uso do imperativo na negação, afirmando que não é utilizado em orações negativas, sendo substituído pelo presente do subjuntivo. Ele também destaca a relevância dos advérbios na diferenciação de significados, como os de negação e dúvida, que desempenham um papel fundamental na expressão da existência ou inexistência do evento na oração, contribuindo para a clareza e precisão do significado.

Na obra de Cunha e Cintra (2007), a negação é abordada de forma semelhante à obra de Bechara. Inicialmente, a negação é mencionada na classificação dos adjuntos adverbiais, e é frequentemente associada aos advérbios durante a obra. Ela ressurge na discussão sobre pronomes indefinidos, onde Cunha e Cintra (2007, p. 374) afirmam que “posposto a um substantivo, algum assumiu, na língua moderna, significação negativa, mais forte do que a expressa por nenhum. Em geral, o indefinido adquire este valor em frases onde já existem formas negativas, como não, nem, sem.”

Vejamos o exemplo a seguir:

(3) Não há interesse *algum* no projeto.

Na frase (3), “algum” pode ser retirado e a sentença permanecerá negativa:

(3a) *Não* há interesse no projeto.

Por outro lado, substituir “algum” por “nenhum” reforçará a negatividade da sentença:

(3b) Não há interesse *nenhum* no projeto.

Conforme pôde ser percebido, os autores abordam a negação por meio de advérbios e pronomes indefinidos, porém eles enfatizam constantemente o emprego da palavra “não” como forma de negação. A perspectiva dos gramáticos não leva em consideração a utilização de outros termos da língua para expressar negação, deixando de reconhecer a diversidade de recursos linguísticos disponíveis para esse propósito.

2.1.2. A negação para os funcionalistas

Os funcionalistas têm uma visão mais ampla da negação em comparação com os gramáticos tradicionais. Eles não se limitam às regras normativas e entendem que a negação é um fenômeno linguístico complexo, abrangendo questões de sintaxe, semântica, contexto sociocultural e discursivo. Eles realizam estudos detalhados, analisando diversos recursos linguísticos, incluindo expressões idiomáticas e estratégias contextuais, levando em consideração o contexto e as nuances da língua em uso. Em resumo, a abordagem dos linguistas funcionalistas em relação à negação é mais abrangente e flexível do que a dos gramáticos tradicionais.

No artigo de Furtado da Cunha (2018), são estudadas três estratégias de negação no português brasileiro: a negativa pré-verbal (não + SV¹), a negativa dupla (não + SV + não) e a negativa final (SV + não). Essas estratégias refletem a tensão entre a busca por uma negação clara e enfática (iconicidade) e a necessidade de uma estrutura linguística mais econômica (economia). Em resumo, as diferentes formas de negação surgem de acordo com a intenção comunicativa e a ênfase desejada pelo falante.

Nesse contexto, Neves (2000) caracteriza a negação como uma operação que ocorre tanto no nível sintático-semântico quanto no nível pragmático dentro de um enunciado. Isso significa que a autora enfatiza que a negação não é apenas uma estrutura gramatical, mas também um fenômeno que influencia a interpretação e a comunicação linguística.

Ao considerar a negação em ambos os níveis, Neves ressalta sua complexidade e relevância, envolvendo questões de significado, contexto e intencionalidade comunicativa. Além disso, ela destaca o papel fundamental da negação na comunicação

¹ SV = sintagma verbal

interpessoal, usada para negar expectativas do interlocutor e contestar afirmações pressupostas, indicando assim suposições sobre o conhecimento do ouvinte.

Ferrarezi Jr. (2008), por sua vez, destaca que a negação nas línguas naturais vai além dos advérbios de negação tradicionais, utilizando uma variedade de recursos linguísticos, como fragmentos de palavras, verbos, pronomes, ironia, afirmações específicas, exageros ou até mesmo o silêncio para expressar diferentes significados e intenções de negação em diferentes contextos sociais.

Um exemplo ilustrativo apresentado por Ferrarezi Jr. (2008, p. 188 – 189) é o uso da ironia como forma de negação:

*“Mãe, será que eu posso comer só mais um pacote de bolacha?
– Por que não aproveita e come logo a fábrica?”*

Isso demonstra como a ironia pode ser uma maneira sutil de expressar negação, indo além das formas tradicionais.

Em suma, a visão dos gramáticos tradicionais e dos linguistas funcionalistas sobre a negação difere, mas ambas são importantes. Gramáticos tradicionais se concentram em regras normativas, enquanto funcionalistas consideram a negação como um fenômeno influenciado por vários fatores linguísticos.

3. Arcabouço teórico

O funcionalismo, fundamentado na perspectiva do uso, considera a língua como uma entidade maleável e em constante evolução. Nessa abordagem, a linguagem é vista como uma ferramenta adaptativa para a comunicação entre os falantes, e as mudanças linguísticas ocorrem de forma gradual, seguindo padrões de menor resistência e em resposta às necessidades comunicativas e sociais.

Joan Bybee (2016) utiliza uma metáfora sobre dunas de areia para explicar a mudança linguística. Assim como as dunas são moldadas pelo vento, a língua também evolui gradualmente devido às pequenas alterações nos padrões de uso. Essa metáfora destaca a maleabilidade da linguagem, sua adaptação às necessidades dos falantes e como as mudanças seguem padrões previsíveis, refletindo a influência do uso e fatores sociais. É uma perspectiva que revela a natureza dinâmica da linguagem e sua contínua evolução.

Na esteira funcionalista, a expressividade na linguagem desempenha um papel fundamental. Ela permite que os falantes transmitam emoções, atitudes e intenções de forma clara e persuasiva, enriquecendo a comunicação. A expressividade é particularmente evidente na expressão “nem fodendo”, que, além da negação enfática,

carrega uma forte carga semântica vulgar, conferindo-lhe intensidade e impacto na comunicação cotidiana. Isso torna a recusa marcante e expressiva, ampliando seu significado na interação verbal.

Nesse contexto, a expressividade linguística entra em conflito com o princípio de composicionalidade, pois em certos contextos, o valor de verdade de uma sentença complexa depende unicamente dos valores de verdade de suas partes individuais (Frege, 1892, apud Cançado, 2008). No entanto, expressões como “nem fodendo” desafiam essa rigidez gramatical, uma vez que utilizam recursos expressivos além das regras convencionais.

No caso de “nem fodendo”, o advérbio “nem” expressa negação ou oposição, enquanto “fodendo” representa o gerúndio vulgar do verbo “foder”. Essa combinação de palavras cria um significado particular que não pode ser compreendido de forma estritamente composicional. Isso exemplifica a perda de composicionalidade, na qual uma expressão adquire um significado específico que não pode ser deduzido apenas da análise das palavras individuais. Esse processo pode ocorrer à medida que os falantes priorizam a expressão de suas emoções e subjetividades, levando à formação de expressões idiomáticas ou metafóricas.

Exemplo 1: A expressão idiomática “cair na real”

Essa expressão significa “tornar-se consciente da realidade” ou “aceitar a verdade”. O significado não pode ser deduzido apenas olhando para as palavras “cair” e “real” separadamente. Apenas conhecendo o uso convencional dessa expressão é possível entender o que ela significa.

Exemplo 2: A expressão metafórica “abrir mão”.

Essa expressão é frequentemente usada para indicar que alguém está desistindo de algo ou abrindo mão de uma oportunidade, sem que a pessoa literalmente esteja abrindo a mão fisicamente. O sentido da expressão deriva da metáfora de soltar algo das mãos, simbolizando a renúncia ou o ato de abrir mão de alguma coisa.

Esses exemplos ilustram como, em determinadas situações, a linguagem pode se tornar mais expressiva e criativa ao desviar-se do princípio de composicionalidade, criando expressões cujo significado é convencional e não literal.

Com base nisso, podemos considerar as expressões idiomáticas como um significativo exemplo do processo de perda de composicionalidade. De acordo com Siqueira e Marques (2018), as expressões idiomáticas são expressões linguísticas cujo significado não pode ser completamente compreendido pela simples soma de suas partes constituintes. Complementando o argumento de Siqueira e Marques, Sag et al. (2001)

apud Moirón e Tiedemann (2006, p. 33, tradução nossa) afirmam que as “expressões idiomáticas constituem um subconjunto de expressões pluriverbais”, isso significa que, embora as expressões idiomáticas compartilhem a característica de serem compostas por várias palavras, elas têm propriedades distintas que as diferenciam das expressões pluriverbais convencionais.

Este estudo se concentra em uma expressão idiomática específica para ilustrar como essas expressões desafiam a interpretação literal e dependem do contexto para serem compreendidas. Expressões idiomáticas, como a estudada aqui, podem apresentar baixa ou nenhuma composicionalidade, o que significa que seu significado não pode ser deduzido diretamente das palavras individuais que a compõem. No caso desta expressão, seu significado enfático de negação é construído por meio de seu uso frequente em situações específicas e de associações culturais com seu sentido expressivo e informal.

No contexto mencionado, a perda de composicionalidade também está ligada ao processo de reciclagem linguística que, de acordo com Rios de Oliveira (2020), consiste em tomar palavras já existentes na língua, com seus sentidos básicos e originais, e utilizá-las em outros contextos, possibilitando novos sentidos. Dessa forma, evita-se a necessidade de criar termos completamente novos para expressar cada ideia ou sentimento, uma vez que é comum que as pessoas “reciclem” termos já disponíveis e de uso geral para suprir novas necessidades comunicativas.

A expressão “nem fodendo” ilustra a reciclagem linguística, onde o verbo “foder” e a advérbio “nem” são combinados para criar uma negação enfática com significado independente de suas partes originais. Isso destaca como a linguagem é adaptativa e pode criar novas expressões com base em elementos existentes.

Essa combinação pode estar ligada ao processo de “*chunking*” na linguística funcional, que ocorre quando combinações frequentes de “*chunks*” menores resultam em “*chunks*” maiores com significados independentes de suas partes constituintes, como explicado por Bybee (2016). Isso demonstra como a linguagem pode criar unidades de significado distintas por meio da repetição e combinação de elementos linguísticos. Conforme Bybee (2016), expressões convencionalizadas, incluindo as idiomáticas, são consideradas “*chunks*” linguísticos para análise. As expressões idiomáticas, como “nem fodendo”, são um tipo de “*chunk*” com significados não literais e armazenadas na memória dos falantes.

A ressemantização, relacionada à reciclagem linguística, envolve dar novos significados às palavras sem alterar sua forma. De acordo com Carvalhinhos (2007), a ressemantização é caracterizada pela aquisição de um segundo significado por uma

palavra, preservando o mesmo significante original, sem que haja alteração fonética ou gráfica. No caso de “nem fodendo”, o verbo “foder” adquiriu um novo significado, diferente do original ligado ao ato sexual, devido ao uso frequente em contextos de negação enfática.

Segundo Marcuschi (2000) apud Furtado da Cunha et al (2015), a significação das palavras e expressões linguísticas é negociada em contextos específicos, permitindo adaptações de sentido. Isso é evidenciado na expressão “nem fodendo”, que passou por ressemantização para se adequar às necessidades comunicativas e sociais.

Com base nos conceitos abordados neste capítulo, faremos uma análise da expressão “nem fodendo” em contextos reais de uso. Contudo, antes, exploraremos como a Linguística Cognitiva explica o uso dessa expressão, destacando os mecanismos cognitivos e contextuais que motivam sua aplicação.

4. Linguística cognitiva: a construção “nem [x]”

A Linguística Cognitiva (LC) é uma abordagem teórica que busca entender a inter-relação entre linguagem e pensamento. Ao contrário de algumas teorias linguísticas tradicionais, que consideram a linguagem como uma estrutura autônoma, a Linguística Cognitiva argumenta que a linguagem reflete e, por sua vez, influencia os processos cognitivos humanos.

Essa vertente explora como a linguagem reflete a maneira como percebemos e interpretamos o mundo ao nosso redor. Ela se concentra em investigar como os processos cognitivos, como a percepção, a memória e a categorização, influenciam a linguagem, e vice-versa. Além disso, a abordagem cognitiva examina fenômenos linguísticos como metáforas, metonímias e imagens mentais para compreender como conceitos abstratos são comunicados e compreendidos.

No contexto da LC, o padrão “nem [x]” emerge como uma estrutura que reflete a forma como a mente humana organiza e categoriza informações linguísticas e conceituais. Essa construção linguística, que envolve a repetição da partícula “nem” antes de diferentes expressões “[x]”, revela-se como uma estratégia que permite criar variações a partir de um padrão básico.

Os padrões linguísticos, incluindo construções sintáticas e escolhas lexicais, são considerados manifestações linguísticas dos processos cognitivos que moldam nossa compreensão do ambiente ao nosso redor. A mente cognitiva classifica essas expressões como formas que compartilham uma característica comum, ampliando, assim, o significado de negação ou descrença de forma enfática.

Dessa maneira, a análise de construções específicas, como o padrão “nem [x]”, proporciona percepções valiosas sobre como os padrões linguísticos estão intrinsecamente ligados aos processos cognitivos na construção de significados complexos no contexto da Linguística Cognitiva.

De acordo com Goldberg (2006, p.5):

[...] qualquer padrão linguístico é considerado como uma construção desde que algum aspecto de sua forma ou função não seja estritamente previsível a partir das partes que o compõem ou a partir de outras construções reconhecidamente existentes. Além disso, padrões são armazenados como construções, mesmo os totalmente previsíveis, desde que ocorram de forma suficientemente frequente. (Goldberg, 2006, p. 5)

O padrão “nem [x]” é uma construção, pois representa uma estrutura recorrente na linguagem que não pode ser prevista apenas pelas partes que a compõem. Ele consiste na repetição da partícula “nem” seguida por um elemento “[x]”. Essa estrutura possui uma forma específica e é amplamente utilizada pelos falantes de uma língua, tendo seu significado determinado pelo contexto.

Segundo Bybee (2016), construções são *chunks* linguísticos, ou seja, sequências de palavras que são habitualmente utilizadas juntas e que, por vezes, possuem significados especiais ou outras propriedades distintivas. Assim, uma construção se torna convencional ao ser compartilhada por um grupo de falantes (Furtado da Cunha, 2022).

Um outro processo cognitivo de domínio geral é a categorização, que de acordo com Bybee (2016), categorização une a realidade física e social através do pensamento. Assim, com base nas experiências no mundo, os elementos linguísticos são associados às representações armazenadas na memória de acordo com suas semelhanças ou identidade equivalente.

Isso leva a outro processo cognitivo chamado de memória enriquecida, onde detalhes da experiência com a língua, como a fonética de palavras e sintagmas, contextos de uso, significados e inferências associadas aos enunciados, são armazenados mentalmente. A categorização, por sua vez, é o processo pelo qual essas memórias enriquecidas são organizadas e mapeadas em representações já existentes (Bybee, 2016).

De forma análoga, a expressão “nem fodendo” é uma construção filha do padrão “nem [x]”, e assim como os filhos herdam a genética dos pais, ela herda tanto a forma quanto o significado desse padrão. Em termos de forma, a partícula “nem” é preservada, mantendo a estrutura básica do padrão, o que torna “nem fodendo” parte dessa família linguística. A adição da palavra “fodendo” nessa expressão reforça o significado de negação extrema, transmitindo um nível alto de descrença ou recusa em relação a algo.

O significado da expressão “nem fodendo” é profundamente enraizado na intensa negação ou descrença que é característica do padrão “nem [x]”. Essa intensificação da negação é comunicada por meio da escolha da palavra “fodendo”, que é vulgar e enfatiza a recusa categórica. Portanto, podemos entender que a expressão “nem fodendo” é uma descendente direta desse padrão linguístico e herda tanto sua forma quanto seu significado, tornando-se um exemplo marcante de como a linguagem evolui e se adapta ao longo do tempo para expressar nuances específicas de negação enfática.

5. Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa explora a expressão “nem fodendo” em relação aos seus matizes sintáticos, semânticos e aspectos pragmáticos. Ela se concentra em entender como o significado dessa expressão pode variar de acordo com o contexto e a intenção do falante. A pesquisa adota uma abordagem empírico-teórica, combinando a teoria com a análise de dados coletados em redes sociais, como *Whatsapp*, *X* (antigo *Twitter*) e *Facebook*. A coleta de dados começou em outubro de 2022 e foi concluída em janeiro de 2024.

Foram coletados 48 dados que estão disponível no link a seguir: https://drive.google.com/drive/folders/1DsQ7oiBbYQd3wmrFe8Kjd8v9zXq5YZEx?usp=drive_link. Além disso, foram identificados três usos distintos da expressão “nem fodendo”: negação total, descrença e uma negação parcial ou híbrida. O primeiro representa uma recusa categórica, o segundo indica algo improvável, enquanto o terceiro mantém elementos da conotação original relacionada ao ato sexual. O uso 1 é o mais frequente entre eles, enquanto o uso 3 apresenta desafios para análise devido à sua ambiguidade semântica e pragmática.

Tabela 01 – Distribuição dos dados coletados nas redes sociais

Redes sociais	Uso 1	Uso 2	Uso 3
Whatsapp	2	1	-
Facebook	7	7	3
X	15	12	1
Total	48		

Fonte: Própria da autora

Durante a coleta de dados, foi identificada uma variação na grafia da expressão, onde alguns indivíduos utilizavam a forma “nem fudendo”. Contudo, essa variação ocorre com menor frequência, conforme demonstrado na tabela a seguir:

Tabela 02 – Frequência de uso das variações ortográficas “nem fodendo” e “nem fudendo”

Variação ortográfica	Frequência absoluta	Frequência relativa
Nem fodendo	33	68,75
Nem fudendo	15	31,25

Fonte: Própria da autora

A tabela revela que a forma “nem fodendo” é significativamente mais comum do que “nem fudendo”. Essa discrepância na frequência sugere que, embora ambas as variações sejam compreendidas e utilizadas pelos falantes, a forma “nem fodendo” é a preferida na maioria dos contextos.

A variação ortográfica pode ser atribuída a fatores regionais, pessoais ou estilísticos. É importante ressaltar que, apesar da diferença na grafia, ambas as formas carregam o mesmo significado semântico e cumprem a mesma função pragmática nas interações comunicativas. Esta observação corrobora a flexibilidade da língua em acomodar variações mínimas sem comprometer a compreensão geral. Esta pesquisa combina uma abordagem qualitativa, que analisa contextos e interações, com uma revisão bibliográfica extensa que fornece suporte teórico para a interpretação dos resultados, visando uma compreensão abrangente do fenômeno da negação nesta expressão.

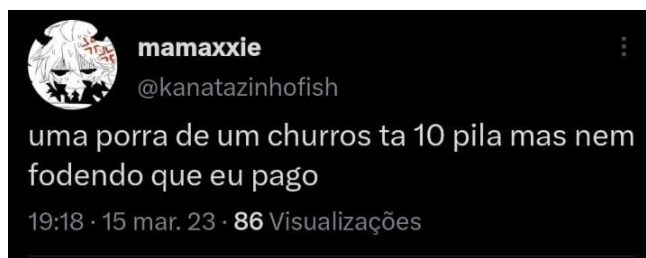
6. Análise de dados e discussão

Ao longo deste capítulo, examinaremos minuciosamente os dados coletados, destacando os diferentes usos e significados dessa expressão em diversos contextos comunicativos e sociais. Além disso, discutiremos a flexibilidade da linguagem em se adaptar às demandas comunicativas e a sua capacidade de ressemantização.

6.1. Uso 1: negativa total

A expressão “nem fodendo” é comumente usada para negar ideias, propostas ou sugestões de maneira direta e enfática. Ela é empregada quando o falante quer destacar que algo é completamente impossível ou altamente improvável de ocorrer, como evidenciado nos dados a seguir:

Uso 1 – Uso como negação total



Fonte: X

Uso 1 – Uso como negação total



Fonte: X

Os dados foram coletados da rede social *X* (anteriormente conhecida como *Twitter*), onde os usuários compartilham seus pensamentos de maneira pública. Na primeira imagem, é evidente a expressão de indignação da pessoa em relação ao preço do churros. Ela enfatiza de forma contundente que jamais pagaria aquele valor por um churros, utilizando a expressão “nem fodendo” para destacar sua recusa de maneira enfática.

Já na segunda imagem, a pessoa manifesta sua desconfiança em relação aos homens, declarando que nunca se pode confiar em nenhum deles. Novamente, a expressão “nem fodendo” é empregada para reforçar essa negação de forma incisiva. Esses exemplos ilustram como essa expressão é utilizada para transmitir sentimentos intensos e recusas firmes sobre diversos temas.

6.2. Uso 2: marcador de descrença

Além da negação categórica, “nem fodendo” também é utilizado como um marcador de descrença ou incredulidade. Essa função é observada quando a expressão é empregada para expressar surpresa, indignação ou incredulidade diante de uma afirmação considerada improvável ou inaceitável, como pode ser observado nos exemplos a seguir:

Uso 2 – Uso como marcador de descrença



Fonte: X

Uso 2 – Uso como marcador de descrença



Fonte: X

No primeiro exemplo, temos um post na rede social X, onde o usuário relata que sua conta foi hackeada. Ao usar a expressão “nem fodendo”, ele expressa não apenas negação, mas também um profundo choque e descrença em relação ao ocorrido. Esse contexto de surpresa negativa evidencia como a expressão pode ser empregada para comunicar uma reação emocional intensa diante de eventos inesperados e perturbadores, destacando a incredulidade e a indignação do falante.

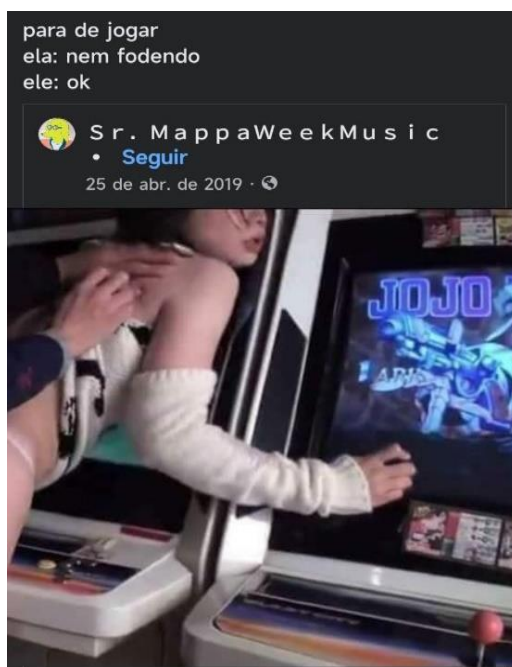
No segundo exemplo, o contexto é diferente, mas a expressão “nem fodendo” é utilizada de maneira semelhante para transmitir incredulidade. O usuário, ao perceber que tirou uma nota maior do que esperava, recorre à expressão para manifestar sua surpresa positiva. Esse uso ressalta como “nem fodendo” pode ser aplicado para indicar descrença tanto em situações negativas quanto positivas.

Para identificar esse uso como expressão de descrença, basta substituir “nem fodendo” por outra expressão de incredulidade, como “não acredito”. Essa substituição preserva o sentido de surpresa e descrença, evidenciando que a expressão original é usada para enfatizar uma reação inesperada e intensa do falante.

6.3. Uso 3: híbrido

Diferente dos usos 1 e 2, o uso 3 representa um certo desafio para a análise, pois, embora funcione como uma negação, ele mantém traços do sentido original relacionado ao ato sexual. A interpretação dessa expressão híbrida depende fortemente do contexto. Vejamos os exemplos abaixo para ilustrar esse uso:

Uso 3 – Uso híbrido



Fonte: Facebook

Uso 3 – Uso híbrido



Fonte: X

Na primeira figura, encontramos um contexto visual onde pessoas estão mantendo relações sexuais enquanto estão próximas a uma máquina de jogos. A legenda da imagem

mostra um diálogo em que a pessoa 1 pede para a pessoa 2 parar de jogar. A pessoa 2 responde enfaticamente com “nem fodendo”, negando o pedido. A resposta subsequente da pessoa 1 é apenas “ok”, seguido de ambos praticando atos carnais.

Neste exemplo, a expressão “nem fodendo” é usada para negar claramente o pedido de parar de jogar. No entanto, a expressão também retém seu sentido original relacionado ao ato sexual, uma vez que a pessoa 2, teoricamente, não interrompeu o jogo mesmo durante o ato sexual. Isso ilustra como o uso híbrido da expressão pode integrar negação e conotação sexual de forma complexa e dependente do contexto.

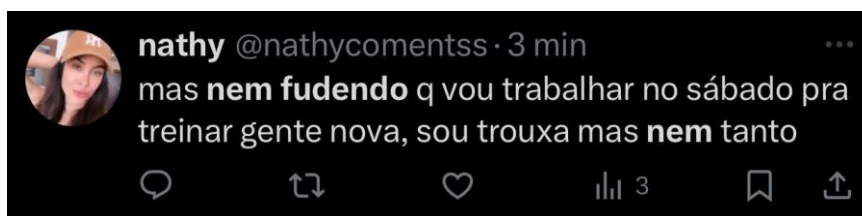
Na segunda figura, temos um post na rede social X onde os usuários criticam as atitudes de participantes de um reality show, em que vários casais estão mantendo relações sexuais em rede nacional. Um dos usuários comenta que sua prima está participando, e outro usuário responde “nem fodendo” para expressar incredulidade. Em seguida, um terceiro usuário entra na conversa e diz “fodendo sim”, trazendo à tona o sentido original da expressão relacionado ao ato sexual.

Neste exemplo, a expressão “nem fodendo” é inicialmente usada para expressar incredulidade. No entanto, a resposta subsequente do terceiro usuário recontextualiza a expressão, fazendo com que o sentido original relacionado ao ato sexual seja recuperado. Essa troca de mensagens demonstra como o contexto e as respostas podem influenciar a interpretação e o significado das expressões linguísticas.

6.4. Variação sintática: mas nem fodendo

Além das diferenças semântico-pragmáticas, também observamos uma variação sintática no uso da expressão “nem fodendo”, em que frequentemente ela é acompanhada pela conjunção “mas”, como ilustrado no exemplo a seguir:

Emprego da conjunção “mas” + expressão “nem fodendo”



Fonte: X

Na imagem, o autor do post na rede social X se recusa a trabalhar no sábado para treinar um novo funcionário. Neste contexto, a decisão de utilizar a conjunção “mas” antes da expressão “nem fodendo” visa enfatizar essa recusa, aumentando

significativamente a carga semântica da negação, evidenciando a intenção do falante em rejeitar de forma enfática a proposta de trabalho no fim de semana.

Nota-se, então, que a expressão não perde seu sentido de negação; ao contrário, ele é intensificado. Vale ressaltar também que o emprego do “mas” pode ser utilizado para intensificar a descrença, como exemplificado a seguir:

Emprego da conjunção “mas” + expressão “nem fodendo”



Fonte: X

Sendo assim, podemos afirmar que, independentemente do uso da conjunção “mas”, o sentido da expressão dependerá do contexto.

6.5. Processos linguísticos e a expressão “nem fodendo”

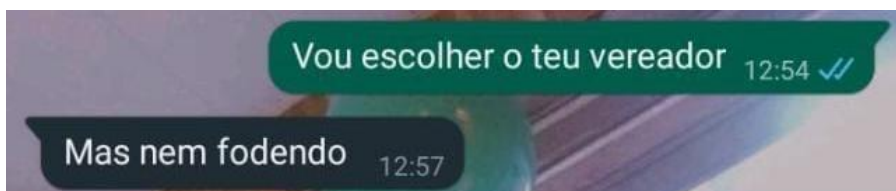
A expressão “nem fodendo” é formada pela combinação do advérbio “nem” com o verbo “fodendo”. Essa junção expressa negação, uma vez que o advérbio “nem” já carrega uma carga semântica negativa e está presente em outras construções coloquiais, como “nem morta”, “nem a pau” e “nem doida”. Por outro lado, o verbo “foder” passou por um processo de reciclagem linguística, que consiste em utilizar palavras já estabelecidas na língua, com seus significados originais, em novos contextos, possibilitando a criação de novos sentidos (Rios de Oliveira, 2020).

Esse processo de reciclagem implica que a expressão passe por uma ressemantização, onde palavras adquirem novos significados sem alterações fonéticas ou gráficas (Carvalhinhos, 2007). No caso de “nem fodendo”, o verbo “foder” adquire um novo significado, diferente de seu uso original. Isso demonstra que o falante não inventa arbitrariamente novas sequências de sons, mas tende a utilizar material linguístico já existente na língua, estendendo o sentido das palavras, conforme descrito por Ullmann (1997) como motivação semântica (Furtado da Cunha et al., 2015).

Essa ressemantização faz com que a expressão “nem fodendo” perca sua composicionalidade. Isso ocorre quando expressões linguísticas se tornam convencionais e adquirem significados específicos que não podem ser diretamente derivados das palavras que as compõem. Uma expressão é considerada composicional somente quando o valor de verdade de uma sentença complexa depende exclusivamente dos valores de verdade de suas partes individuais (Frege, 1892, apud Cançado, 2008).

Conforme discutido anteriormente, identificamos três formas principais de uso da expressão “nem fodendo”. Cada uma delas apresenta nuances distintas, conforme observado nos diferentes contextos de uso. Os usos 1 e 2, por exemplo, expressam negação e descrença, respectivamente. Esses usos passaram pelo processo de ressemantização, perdendo completamente sua composicionalidade, já que não há resquícios de conotação sexual na expressão.

Uso 1 – Uso como negação total



Fonte: *Whatsapp*

Uso 2 – Uso como marcador de descrença



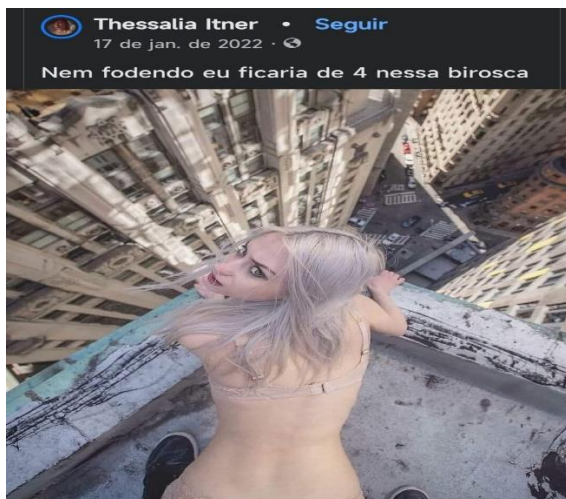
Fonte: *Whatsapp*

Como podemos ver nas imagens, temos mais exemplos dos usos 1 e 2, onde a expressão sofreu perda total da composicionalidade. Não há resquícios do sentido literal relacionado ao ato sexual, demonstrando que a expressão “nem fodendo” foi

completamente ressemantizada nesses contextos para transmitir negação ou descrença de forma enfática.

No entanto, o uso 3 é um caso especial, pois, dependendo do contexto, ele apresenta uma perda parcial da composicionalidade, preservando resquícios de seu sentido original. Isso ocorre porque, em determinados cenários, a expressão ainda carrega implicações relacionadas ao ato sexual, mantendo parte do seu significado original enquanto também comunica negação.

Uso 3 – Uso híbrido



Fonte: Facebook

Na imagem, observa-se que a expressão “nem fodendo” é utilizada com sentido de negação. Entretanto, ao analisarmos a imagem, verifica-se que a expressão pode ser interpretada de forma ambígua, remetendo ao ato sexual. Nesse contexto, o emissor parece negar que, mesmo em uma situação de relações sexuais, tal ato ocorreria naquele local.

6.6. O tabu na pesquisa linguística

Os tabus linguísticos, frequentemente ignorados ou marginalizados nos estudos acadêmicos, são uma área relevante para a compreensão da diversidade e complexidade das línguas. Eles se referem a termos, expressões e construções que, por motivos culturais, sociais, religiosos ou históricos, são considerados inapropriados, ofensivos ou imorais. Embora estejam presentes em todas as línguas, os tabus variam significativamente de acordo com o contexto sociocultural, o que torna seu estudo fundamental para a análise de como a linguagem reflete e influencia as normas sociais.

6.6.1. O conceito de tabu linguístico

O termo “tabu” tem origem no polinésio e foi adaptado para designar algo que é proibido ou censurado por razões morais ou religiosas (Allan e Burridge, 2006). No âmbito da linguística, um tabu linguístico refere-se a palavras ou expressões cuja utilização é evitada ou reprimida em determinadas circunstâncias, devido ao seu conteúdo considerado ofensivo, vulgar ou profano.

Os tabus podem se manifestar em diferentes domínios, como sexo, religião, morte, corpo, política e outros temas sensíveis, sendo frequentemente substituídos por eufemismos para suavizar ou ocultar seus significados originais. Segundo Allan e Burridge (2006), um tabu é uma regra que proíbe certos comportamentos em uma comunidade específica, em um contexto determinado, em um lugar e tempo específicos.

6.6.2. A expressão “nem fodendo” e o tabu sexual

A expressão “nem fodendo”, analisada ao longo desta pesquisa, está diretamente ligada ao tabu sexual, que é uma das áreas mais carregadas de restrições linguísticas em diversas culturas. O verbo “foder”, em particular, carrega conotações sexuais explícitas, o que faz com que seu uso seja considerado ofensivo ou inapropriado em ambientes formais ou públicos. O caráter tabu dessa expressão reside tanto na sua referência explícita ao ato sexual quanto no uso vulgar que desafia as normas de polidez linguística estabelecidas.

Historicamente, expressões relacionadas ao sexo são fortemente censuradas em muitos contextos sociais, e a própria menção de palavras como “foder” pode causar desconforto ou choque. No entanto, no contexto da linguagem coloquial e, especialmente, em interações informais, o uso de termos tabus pode servir para reforçar a intensidade emocional de uma mensagem, sinalizando resistência, descrença ou recusa de maneira enfática, como observado nos exemplos analisados anteriormente.

Se um comportamento linguístico é visto como educado depende de vários fatores, como a relação entre os falantes, o público e qualquer pessoa que possa ouvir, o assunto tratado, a situação (ou contexto) e se o meio de comunicação é falado ou escrito. Em resumo, a polidez está ligada ao contexto, ao lugar e ao momento. O que é considerado educado tende a ser, no mínimo, inofensivo e, idealmente, agradável para o público. Em contraste, o que é considerado ofensivo é visto como rude (Allan e Burridge, 2006).

A expressão “nem fodendo” é um exemplo de linguagem que pode ser considerada impolida ou ofensiva dependendo do contexto. Em contextos informais entre amigos próximos, essa expressão pode ser vista como uma forma de enfatizar a rejeição ou a negativa de maneira exagerada, sem causar grande impacto negativo. No entanto, em

contextos mais formais ou com pessoas menos íntimas, o uso de “nem fodendo” pode ser considerado inapropriado ou desrespeitoso, devido à sua natureza vulgar e forte.

Portanto, o que é considerado polido ou impolido está profundamente ligado ao contexto e à relação entre os interlocutores. Enquanto a expressão pode ser aceitável em alguns ambientes, em outros pode ser vista como rude e ofensiva.

6.6.3. Estigmatização e marginalização nas pesquisas linguísticas

A marginalização de tabus linguísticos nas pesquisas acadêmicas é uma questão importante. O estudo de expressões consideradas vulgares ou palavrões, como “nem fodendo”, ainda enfrenta resistência de algumas correntes de pesquisa, que preferem focar em aspectos da língua mais neutros ou menos controversos. Essa resistência reflete não apenas uma censura moral ou cultural, mas também um preconceito linguístico que valoriza determinadas formas de linguagem em detrimento de outras.

De acordo com Orsi (2011), o preconceito linguístico é uma forma de discriminação sutil e encoberta que um indivíduo pode manifestar em relação à maneira de falar dos outros. No caso dos palavrões e expressões vulgares, esse preconceito pode levar à exclusão ou desvalorização desses termos, em pesquisas acadêmicas, reforçando a ideia de que algumas formas de linguagem são superiores enquanto outras são inferiores ou indesejáveis.

Esse fenômeno contribui para a estigmatização e marginalização de formas de expressão que não se alinham com as normas ou padrões preferidos. Ignorar ou minimizar o estudo dessas expressões limita a compreensão da diversidade linguística e das funções sociais e emocionais que elas desempenham. Além disso, expressões vulgares possuem uma alta carga semântica, pois carregam a intenção e a emoção do falante. Segundo Pinker (2007), quando tentamos substituir esses termos por sinônimos “educados”, a força emocional da reação do falante, essencial para a intensidade e o impacto da mensagem, não é totalmente transmitida. Portanto, a substituição de expressões vulgares por alternativas mais neutras pode enfraquecer a expressão real do sentimento e da intenção do falante.

Assim, é crucial que linguistas, especialmente os funcionalistas, incluam essas expressões consideradas chulas em suas pesquisas para compreender melhor o funcionamento da linguagem no contexto social. O estudo aprofundado dessas expressões pode oferecer uma compreensão de como a linguagem reflete as normas culturais e sociais, assim como suas transgressões. Ao estudar expressões tabu, como “nem fodendo”, é possível identificar os mecanismos de controle social que moldam o uso da

língua e as formas de resistência a esses controles. Além disso, essa análise revela a criatividade e a adaptabilidade da linguagem, uma vez que expressões vulgares, embora censuradas, continuam a evoluir e a desempenhar funções comunicativas importantes.

Considerações finais

Esta pesquisa aprofundou a compreensão das nuances da negação não canônica por meio da análise da expressão “nem fodendo”. Ao examinar os diferentes contextos de uso, evidenciou-se que essa expressão representa um exemplo significativo da adaptabilidade linguística às necessidades comunicativas e sociais.

A análise revelou a perda de composicionalidade e o processo de ressemantização da expressão, que evoluiu de forma considerável, ultrapassando seu significado literal e adquirindo novas nuances semânticas e pragmáticas. Assim, “nem fodendo” passou a expressar recusa categórica, descrença e, em alguns casos, ainda preserva traços de sua composicionalidade original, relacionada ao ato sexual.

Além disso, a análise também revelou a variação sintática associada à expressão, com o uso da conjunção “mas” intensificando o sentido da negação. Essa variação demonstra como a estrutura linguística pode alterar a força semântica da expressão, ampliando seu impacto comunicativo.

É importante destacar que o estudo de expressões vulgares, como a aqui analisada, permanece um tema cercado de tabus dentro das pesquisas linguísticas. Embora tais expressões sejam parte integrante da linguagem e cultura de diversas comunidades, sua investigação é frequentemente marginalizada. Contudo, a compreensão dessas formas de expressão é essencial para uma análise linguística completa e precisa.

A presente pesquisa contribui para um entendimento mais profundo da nossa capacidade comunicativa, ao mesmo tempo que reforça a importância de reconhecer e valorizar a diversidade linguística como reflexo da diversidade cultural que enriquece nossa sociedade.

Referências bibliográficas

- ALI, M. S. **Grammatica Historica da Lingua Portugueza**. 2ª edição melhorada e augmentada de Lexeologia do Portuguez Historico e Formação de Palavras e Syntaxe do Portuguez Historico. São Paulo – Cayeiras – Rio: Companhia Melhoramentos de São Paulo (Weiszflog Irmãos incorporados), 1931.
- ALLAN, Keith; BURRIDGE, Kate. **Forbidden words: taboo and the censoring of language**. New York: Cambridge University Press, 2006.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BYBEE, Joan. **Língua, uso e cognição**. Editora Cortez. 2016.

- CANÇADO, M. **Manual de Semântica: Noções Básicas e Exercícios - 2a Edição Revisada**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. v. 1
- CASTRO, M. F. P. de. **Entre aquele (a) que diz sim e aquele que diz não: questões sobre a negação na construção de linguagem**. DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, [S. l.], v. 8, n. 3, 2019 (1992). Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45727>.
- CARVALHINHOS, P. J. **Arcaísmos morfológicos na toponímia de Portugal**. In: XI Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2007, Rio de Janeiro. Outros trabalhos do XI CNLF- Cadernos do CNLF. Rio de Janeiro: Cifefil, 2007. v. XI. p. 26-37.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5.ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.
- CUNHA, M. A. F. da. **O modelo das motivações competidoras no domínio funcional da negação**. DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, [S. l.], v. 17, n. 1, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/39750>. Acesso em: 20 maio. 2023.
- CUNHA, M. A. F. da. **Emergência e convencionalização da construção V LEVE (DAR, FAZER) + SN**. Revista do GEL, [S. l.], v. 19, n. 3, p. 136–160, 2022. DOI: 10.21165/gel.v19i3.3409. Disponível em: <https://revistadogel.emnuvens.com.br/rg/article/view/3409>. Acesso em: 19 jun. 2024.
- FERRAREZI JR., Celso. **Semântica para a educação básica**. São Paulo: Parábola, 2008.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R. (Org.); MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Linguística funcional: teoria e prática**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2015. v. 1.
- GOLDBERG, A. E. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- MOIRÓN, B.; TIEDEMANN, J. **Identifying idiomatic expressions using automatic word-alignment**. 2006.
- NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.
- OLIVEIRA, M. R. **Do corpo para a mente: o caminho do concreto ao abstrato na linguagem**. Revista Roseta, Campinas, 22 abr. 2020.
- ORSI, Vivian. **Tabu e preconceito linguístico**. Revista Virtual de Estudos da Linguagem, v. 9, p. 334-348, 2011.
- PETTER, M. **Linguagem, língua, linguística**. In: FIORIN, J. L. (org.). Introdução à lingüística I. Objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2002.
- PINKER, Steven. **Do que é feito o pensamento: a língua como janela para a natureza humana**. São Paulo: Companhia das Letras. 2007 (2008).
- REIMANN, C. A.; YACOVENCO, Lilian Coutinho. **A dupla negação no português falado em Vitória/ES: traço da identidade linguística capixaba?**. In: I Congresso Nacional de Estudos Linguísticos, 2011, Vitória. Anais do Congresso Nacional de Estudos Linguísticos - CONEL. Vitória, 2011.
- SIQUEIRA, M. S. G.; MARQUES, D. F. **Desenvolvimento e validação do instrumento de compreensão de expressões idiomáticas**. In: Revista de estudos da linguagem. Belo Horizonte, MG. Vol. 26, n. 2 (abr./jun. 2018), p. [571] – 591~
- SOUZA, Adriana dos Santos; PANTE, M. R. . **O pronome nenhum e a dupla negação portuguesa: uma trajetória de gramaticalização?**. SOLETRAS (UERJ), v. 01, p. 105-115, 2006.